

TEMPERAMENTOS TRANSFORMADOS

TEMPERAMENTOS TRANSFORMADOS

Tim LaHaye

2ª edição revisada

Como Deus pode transformar os defeitos do seu temperamento

Traduzido por

Elizabeth Stowell Charles Gomes



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 1971 por Tim LaHaye.
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois, EUA.

Editora responsável: Silvia Justino
Editora assistente: Tereza Gouveia
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Joana Faro
Revisão: Gustavo Nagel
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura
Capa: Douglas Lucas

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional). Salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaHaye, Tim F.

Temperamentos transformados / Tim LaHaye ; [traduzido por Elizabeth Stowell Charles Gomes]. — 2. ed. — São Paulo : Mundo Cristão, 2008.

Título original: *Transformed Temperaments*
ISBN 978-85-7325-534-8

1. Temperamento — Aspectos religiosos — Cristianismo 2. Vida cristã I. Título.

08-02437

CDD-248.4019

Índice para catálogo sistemático:

1. Temperamento : Vida cristã : Prática religiosa : Aspectos psicológicos 248.4019
Categoria: Relacionamentos

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

2ª edição revisada: setembro de 2008

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
1. A teoria dos quatro temperamentos	9
2. A contaminação pelo freudianismo	17
3. Uso e abuso da ferramenta	23
4. Pedro, o sangüíneo	37
5. Paulo, o colérico	77
6. Moisés, o melancólico	117
7. Abraão, o fleumático	141
8. O andar transformado	161

Prefácio

A repercussão de meu primeiro livro sobre este assunto, *Temperamento controlado pelo Espírito*¹, muito me inspirou e surpreendeu. A primeira edição de mil exemplares, em brochura, era mais do que nossa igreja poderia utilizar, mas a Cruzada Estudantil começou a vendê-la através de sua livraria em San Bernardino (Califórnia) e logo se tornaram necessárias mais duas impressões. O gerente de vendas da editora Tyndale leu o livro na época em que eu já começara a orar para que Deus mandasse uma editora em nosso auxílio — meus filhos estavam ficando cansados de colar, encadernar e empacotar os livros do pai, na garagem!

Eu estava no aeroporto de San Diego com minha esposa e de lá voaria para a cidade de Chicago, onde faria uma palestra. Comentei com ela: “Espero que o Senhor nos revele sua vontade quanto ao futuro do livro *Temperamento controlado pelo Espírito*”. Naquela noite, conheci Bob Hawkins, da editora Tyndale. Depois da palestra, ele me convidou para jantar e manifestou sua vontade de que o livro fosse publicado em escala nacional. Aliviado, só pude concordar — se não pelo público leitor, ao menos por minha família, àquela altura já esgotada de tanto trabalho.

¹ São Paulo: Loyola, 1995.

Desde então, temos nos maravilhado com a maneira como Deus tem usado esse livro. Chegam cartas das mais diversas partes do mundo — de missionários, pastores, conselheiros e leigos — e diversos leitores confessaram ter encontrado a Cristo como Salvador através dessa leitura. Até a presente data, o *Temperamento controlado pelo Espírito* já foi traduzido para o espanhol, japonês, russo e português. Três sociedades missionárias fizeram uso do livro para treinar seus candidatos ao trabalho missionário. Muitas igrejas o têm utilizado em grupos de estudo, classes de escola dominical e reuniões de mocidade. No momento em que estou escrevendo, milhares de exemplares já foram publicados. Não seria necessário dizer que isso muito nos encorajou. Não sou autor do conceito dos quatro temperamentos. Minha contribuição foi apenas fazer aplicações práticas dessas classificações seculares para que cada indivíduo possa examinar a si mesmo, analisando seus pontos fortes e suas fraquezas, e assim buscar a cura do Espírito Santo para aquelas tendências que o impedem de ser usado por Deus.

Temperamentos transformados é o resultado de pesquisas adicionais sobre o assunto, como também de nossos trabalhos de aconselhamento a pessoas em dificuldades. Foi inspirado pela descoberta de uma transformação de temperamento na vida de diversos personagens bíblicos; transformação que hoje encontramos em cristãos cheios do Espírito Santo. Deve-se lembrar que essa mudança não depende do conhecimento dos quatro temperamentos, mas da plenitude do Espírito. As personalidades bíblicas que conheceremos foram transformadas antes da formulação da teoria dos temperamentos. Nossa esperança está na promessa de Deus: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co 5:17).

A teoria dos quatro temperamentos

Hipócrates (460 a 370 a.C.) é freqüentemente chamado de “Pai da medicina”. Sem dúvida, ele foi o gigante do mundo médico da antiga Grécia, e nos interessa por duas razões: 1) Geralmente lhe atribuem o fato de a medicina se preocupar com os problemas psiquiátricos; 2) Reconheceu as diferenças de temperamento entre as pessoas e apresentou uma teoria que as explica. Earl Baughman e George Welsh avaliaram da seguinte forma sua contribuição:

No mundo antigo sabia-se das grandes anomalias de comportamento, mas geralmente eram atribuídas à intervenção dos deuses e, assim, não podiam ser estudadas com objetividade. Hipócrates, porém, se opunha ao sobrenaturalismo, defendendo a idéia de uma orientação biológica, sobre a qual desenvolveu uma abordagem empírica à psicopatologia. Sua maior força estava talvez na exatidão de suas observações e na capacidade de registrar cientificamente as conclusões a que chegava.

Na verdade, muitas de suas descrições de fenômenos psicopatológicos permanecem válidas. Portanto, Hipócrates marcou o início de uma abordagem cuidadosa e observadora da personalidade anormal, que um dia seria aplicada ao estudo da personalidade normal.

O interesse de Hipócrates pelas características do temperamento é notável, especialmente quando consideramos a relativa negligência desse importante problema no mundo moderno da psicologia. Como resultado de suas observações, Hipócrates distinguiu os quatro temperamentos: o sangüíneo, o melancólico, o colérico e o fleumático. De acordo com ele, o temperamento dependia dos “humores” do corpo: sangue, bílis preta, bílis amarela e fleuma. Assim, começou por observar as diferenças de comportamento, formulando uma teoria para elas. A teoria era bioquímica em sua essência, e embora sua substância tenha desaparecido, permanece ainda conosco sua forma. Hoje, porém, falamos de hormônios e outras substâncias bioquímicas em vez de “humores”, substâncias que podem induzir ou afetar o comportamento observado.¹

Os romanos pouco fizeram na área do intelectualismo criativo, contentando-se em perpetuar os conceitos dos gregos. Um século e meio após o imperador romano Constantino tornar o cristianismo religião oficial em 312 d.C., esse império desmoronou, dando início à Idade das Trevas. Conseqüentemente, poucas alternativas ao conceito de Hipócrates foram oferecidas até o século XIX. Foram poucos os estudos feitos na área da personalidade, a ponto de H. J. Eysenck² atribuir a idéia do conceito de quatro temperamentos a Galen, que o reativou no século XVII, e não a Hipócrates.

O filósofo alemão Emmanuel Kant foi provavelmente o que mais influência teve na divulgação da teoria na Europa. Embora

¹Earl BAUGHMAN e George Schlager WELSH, *Personality: A Behavioral Science*, New York: Prentice Hall, 1962, p. 57.

²*Fact and Fiction in Psychology*, Baltimore: Penguin Books, 1965, p. 55. Citado com permissão.

incompleta, sua descrição dos quatro temperamentos, em 1798, foi bem interessante:

A pessoa sangüínea é alegre e esperançosa; atribui grande importância àquilo que está fazendo no momento, mas logo em seguida pode esquecê-lo. Ela tem intenção de cumprir suas promessas, mas não as cumpre por nunca tê-las levado suficientemente a sério, a ponto de pretender vir a ser um auxílio para os outros. O sangüíneo é um mau devedor e pede constantemente mais prazo para pagar. É muito sociável, brincalhão, contenta-se facilmente, não leva as coisas muito a sério e vive rodeado de amigos. Embora não seja propriamente mau, tem dificuldade em não cometer seus pecados; ele pode se arrepender, mas sua contrição (que jamais chega a ser um sentimento de culpa) é logo esquecida. Ele se cansa e se entedia facilmente com o trabalho, mas constantemente encontra entretenimento em coisas de somenos — o sangüíneo carrega consigo a instabilidade, e seu forte não é a persistência.

As pessoas com tendência à melancolia atribuem grande importância a tudo o que lhes concerne. Descobrem em tudo uma razão para a ansiedade e em qualquer situação notam de imediato as dificuldades. Nisso são inteiramente o oposto do sangüíneo.

Não fazem promessas com facilidade, porque insistem em cumprir a palavra e pesa-lhes considerar se será ou não possível cumpri-la. Agem assim, não devido a considerações de ordem moral, mas ao fato de que o inter-relacionamento com os outros preocupa sobremaneira o melancólico, tornando-o cauteloso e desconfiado. É por essa razão que a felicidade lhes foge.

Dizem do colérico que tem a cabeça quente, fica agitado com facilidade, mas se acalma logo que o adversário se dá

por vencido. Que se aborrece, mas seu ódio não é eterno. Sua reação é rápida, mas não persistente. Mantém-se sempre ocupado, embora o faça a contragosto, justamente porque não é perseverante; prefere dar ordens, mas aborrece-o ter de cumprilas. Gosta de ter seu trabalho reconhecido e adora ser louvado publicamente. Dá valor às aparências, à pompa e à formalidade; é orgulhoso e cheio de amor-próprio. É avarento, polido e cerimonioso; o maior golpe que pode sofrer é a desobediência. Enfim, o temperamento colérico é o mais infeliz por ser o que mais provavelmente atrairá oposição.

Fleuma significa falta de emoção e não preguiça; implica uma tendência a não se emocionar com facilidade nem se mover com rapidez, e sim com moderação e persistência. A pessoa fleumática se aquece vagarosamente, mas retém por mais tempo o calor humano. Age por princípio, não por instinto; seu temperamento feliz pode suprir o que lhe falta em sagacidade e sabedoria. Ela é criteriosa no trato com os outros e em geral consegue o que quer, persistindo em seus objetivos, embora pareça ceder à vontade alheia.³

No fim do século XIX, o estudo do comportamento humano recebeu novo impulso com o nascimento da ciência denominada psicologia. “Os meios acadêmicos consideram a fundação do Laboratório de Psicologia Experimental de Wundt da Universidade de Leipzig, em 1879, o início efetivo dessa disciplina.”⁴ O dr. W. Wundt muito provavelmente foi influenciado por Kant, pois também aceitava a Teoria dos Quatro Temperamentos do

³ Idem, p. 56-57.

⁴ Bernard NOTCUTT, *Psychology of Personality*, New York: Philosophical Library, 1953, p. 7.

comportamento humano. Ele fez exaustivas experiências, tentando relacionar esses temperamentos à estrutura do corpo, o que o levou ao estabelecimento da psicologia biotipológica, ou seja, a atribuição das características da conduta do indivíduo a seu tipo físico. Esse conceito, que encontra muitos seguidores, reduziu os tipos de personalidade a três. Alguns estudiosos mais recentes dessa escola diminuiram para apenas dois, em uma classificação mais popularmente conhecida como introvertido e extrovertido.

Sigmund Freud desferiu um golpe devastador na Teoria dos Quatro Temperamentos no início do século passado. As pesquisas e teorias psicanalíticas tiveram efeito eletrizante sobre o estudo da personalidade. “Através da implementação de um ponto de vista totalmente determinista”, Freud e seus discípulos refletiram sua obsessão pela idéia de que o meio ambiente determina o comportamento do indivíduo.

Essa idéia, que é o extremo oposto da teologia cristã, minou seriamente a sociedade ocidental. Em vez de fazer o indivíduo sentir-se responsável por sua conduta, fornece-lhe uma válvula de escape que o isenta de seu mau comportamento. Se ele rouba, os comportamentistas tendem a culpar a sociedade, porque lhe faltam as coisas de que necessita. Se é pobre, culpam a sociedade por não lhe dar uma ocupação. Esse conceito não só enfraqueceu o senso natural de responsabilidade do homem como também pôs em descrédito a salutar teoria dos quatro temperamentos. Entretanto, se pudermos provar que o homem herda, ao nascer, certas tendências de temperamento, a teoria do meio ambiente se desmoronará.

Durante a primeira metade do século XX, a maioria dos cristãos parecia sofrer de um complexo de inferioridade intelectual. A comunidade erudita declarava alto e bom som

a teoria da evolução como um fato. A psiquiatria e a psicologia subiram ao trono acadêmico, diante do qual todos os intelectuais se curvaram. Alguns, alegando falar em nome da ciência, ridicularizavam a Bíblia, a divindade de Cristo, o pecado, a culpa e a existência de um Deus pessoal. Muitos cristãos procuraram adaptar os conceitos bíblicos aos conceitos evolucionistas da ciência moderna. Essa atitude acomodatória ajudou a produzir o liberalismo teológico, o modernismo, a neo-ortodoxia e uma igreja claudicante. Muitos cristãos permaneceram fiéis a Deus e à Bíblia durante esses anos difíceis, mas se mantiveram inexplicavelmente silenciosos. Uns poucos valentes estavam preparados e dispostos a enfrentar os eruditos em debates abertos.

Hoje, vê-se uma mudança. A Teoria da Evolução — pedra fundamental da psiquiatria e da psicologia — se desmancha com o impacto das minuciosas e constantes pesquisas científicas. Muitos psiquiatras e psicólogos decepcionaram-se com a psicologia freudiana e o comportamentismo. Um século de observações confirma a perícia dos freudianos em diagnosticar os problemas da personalidade, mas levanta sérias dúvidas quanto a sua habilidade em curar os enfermos. Uma nova geração de psiquiatras está voltando a atenção para algumas das antigas idéias e pesquisando outras teorias.

Alguns estão até mesmo enfatizando a responsabilidade do homem por seus atos, como a Bíblia nos ensina.⁵

Durante a primeira metade do século XX, apenas dois escritores cristãos parecem ter escrito a respeito dos quatro temperamentos. Ambos eram europeus, mas suas obras foram amplamente divulgadas nos Estados Unidos.

⁵William GLASSER, *Reality Therapy*, New York: Harper and Row, 1956.

Um grande pregador e teólogo inglês, Alexander Whyte (1836-1921), realizou um breve trabalho sobre os quatro temperamentos, incluído em seu *The Treasury of Alexander Whyte* [Tesouro de Alexander Whyte].⁶ Depois de ler seu excelente livro *Bible Characters* [Personagens bíblicos], ninguém poderá duvidar de que ele foi um estudioso do tema.

Entretanto, com respeito à Teoria dos Quatro Temperamentos, a obra mais significativa de que tenho conhecimento é o *Temperament and the Christian Faith* [O temperamento e a fé cristã], de O. Hallesby.⁷ O propósito do dr. Hallesby foi ajudar os conselheiros a reconhecer os quatro temperamentos através de descrições detalhadas de suas características, a relacioná-los entre si e resolver os problemas típicos de cada um deles.

Meu livro *Temperamento controlado pelo Espírito* foi inspirado na leitura dessa obra. Como pastor-conselheiro, recebi muita orientação dos proveitosos estudos do dr. Hallesby, mas fiquei de certa forma angustiado pela condição desesperadora em que ele “deixava” a pessoa de temperamento melancólico. Pensei então: “Se eu fosse do tipo melancólico, depois desta leitura, me suicidaria”. Mas eu sabia que há muita esperança para o melancólico — como para qualquer dos outros temperamentos — no poder de Cristo Jesus. Foi então que Deus abriu meus olhos para o ministério do Espírito Santo na vida emotiva do crente. Comecei a desenvolver o conceito de que há uma força divina para cada fraqueza humana por meio da plenitude do Espírito. Depois de conversar a respeito dessa idéia com centenas de pessoas e de aconselhar muitas outras, estou mais do

⁶ Publicado por Baker.

⁷ Publicado primeiramente em norueguês. Traduzido para o inglês e publicado pela Augsburg Publishing House em 1962.

que convencido de que as nove características da vida plena do Espírito Santo, mencionadas em Gálatas 5:22-23, contêm uma força para cada uma das fraquezas dos quatro temperamentos: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”.